

**Velloso, Monica P., Rouchou, Joëlle, Oliveira,
Cláudia, *Corpo: identidades, memórias e
subjetividades*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009.**

**O corpo como objeto plural: múltiplos enfoques em uma rede de olhares
entrecruzados (uma leitura de “Corpo: identidades, memórias e
subjetividades)**

Luis Fernando Beneduzi
UNIVERSITÀ DI BOLOGNA

Como objeto de análise, o corpo faz o seu ingresso no campo de estudo do historiador, mas também naquele das ciências humanas, a partir da segunda metade do século XX. Mesmo tendo sido marcado de diferentes maneiras na trajetória da humanidade, será a experiência contemporânea que o trará para a ribalta enquanto espaço de construção do saber. Obviamente, o processo de construção do conhecimento científico – ao longo dos séculos XVIII e XIX, como bem denota Michel Foucault – estruturou maneiras de ordená-lo, controlá-lo, purgá-lo; no entanto, o debruçar-se sobre uma leitura dessa experiência e das subjetividades e sensibilidades presentes nas diferentes representações do corpo e do corporal é um fenômeno da contemporaneidade.

Nesse sentido, o trabalho que nos propomos a resenhar “Corpo: identidades, memórias e subjetividades” está prenhe de atualidade, trazendo à tona o grande debate presente hoje nas ciências humanas e refletindo sobre questões que dialogam tanto com os processos de produção e ressemantização de sensibilidades e subjetividades quanto com aqueles de representação e re-elaboração de um biopoder. Nascido a partir de um colóquio homônimo realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de Janeiro, em 2008, a discussão inter e transdisciplinar é parte da motivação central da coletânea. Como se acabou de enfatizar, a obra organizada por Mônica Pimenta Velloso, Joëlle Rouchou e Cláudia de Oliveira não é um trabalho monográfico, mas fruto de um processo interativo, experienciado no cruzamento das diferentes mesas-redondas que fizeram parte da estrutura do encontro acadêmico ocorrido na cidade carioca. De fato, a obra constrói sua perspectiva de análise a partir de cinco eixos, que percorrem transversalmente a temática do corpo, entrecruzando olhares que partem de áreas diferentes do conhecimento: corpo e reflexão histórica, escritas de si e do tempo, é com o corpo que também nos lembramos, corpo alegórico, corpos no cinema.

Podemos dizer – em consonância com a apresentação da obra, feita por Nísia Trindade Lima – que, mesmo se as análises que dissecam a temática do corpo não o consideram exclusivamente como o resultado do influxo de

comportamentos e de costumes, a inovação que o livro nos apresenta está refletida na elaboração de um estudo coletivo que entrecruza olhares sobre as representações do corpo:

este livro inova ao reunir e colocar em diálogo a produção historiográfica sobre o imaginário do corpo como expressão de identidade e memória, e a reflexão sobre as representações artísticas (p. 9).¹

Dessa maneira, o caráter inédito da obra reside na sua capacidade de encaminhar uma discussão sobre o corpo, entendendo-o como elemento estruturante de uma compreensão de mundo, a qual matiza profundamente a sociedade contemporânea. Atravessando diferentes temporalidades, a coletânea vai descortinando leituras novas sobre a inserção do corpo enquanto fundo analítico que interage em consonância com o tempo histórico de sua produção; sim, pois são corpos deconstruídos, montados, elaborados em um emaranhado discursivo que lhes dá forma e movimento e que os instaura como representações de ideais estéticos e padrões de sociabilidade. Mesmo as ações realizadas nos diferentes corpos e/ou por eles, as formas de expressão artística e religiosa, constituem-se componentes referenciais de um reflexo social que marca de maneira indelével a pele individual e social.

Como relatam as organizadoras, na apresentação do livro, o roteiro discursivo experienciado pelos diferentes autores adentra o âmbito antropológico, pois o narrador se coloca na posição do etnólogo, visto em sua contraposição analítica ao “outro”: a exposição é marcada por uma constante vivência do estranhamento diante do(s) corpo(s). Essa dinâmica permitiu trilhar uma nova senda, a qual busca romper com percepções totalizantes de um corpo unificado, encaminhando-se em direção a sensibilidades, práticas e representações novas e pluralizadas.

O primeiro eixo de análise – que se coloca na intersecção entre o corpo e a reflexão histórica – apresenta um olhar que busca historicizar as concepções e as relações com o corpo, trazendo à luz dois processos históricos, um vinculado ao modernismo e às primeiras décadas do século XX e outro marcado pelo hibridismo da contemporaneidade. O capítulo de autoria de Eliane Robert Moraes procura tecer a trama que conjuga as novas percepções da prostituição e o advento da modernidade europeizante na sociedade paulista dos primeiros decênios do Novecentos. A partir de uma leitura da obra “Madame Pommery”, de Hilário Tácito, publicada na década de 1920, a pesquisadora discute a ascensão do projeto modernizador e burguês na cidade de São Paulo e o refinamento dos espaços de prostituição. A prostituta acaba se tornando, na visão de “Madame Pommery”, um mediador cultural, participando do projeto civilizatório da sociedade brasileira, oferecendo-se em corpos limpos, perfumados, aculturados: que bebem champanhe. Nísia Villaça, querendo discutir a “desconstrução da naturalidade temporal”, dá a conhecer uma leitura do corpo inserida em um amplo universo semiológico, o qual marca profundamente um processo de produção de subjetividades. Destacando a

¹ A presente citação é parte do prefácio da obra, escrito por Nísia Trindade Lima, com o título “Identidade e mudança: o corpo em perspectiva histórica”.

construção de um corpo que se atualiza enquanto objeto de consumo, o texto oferece uma visita guiada pelos meandros do hedonismo, de uma concepção corporal que nega e esconde o passar do tempo e as marcas de uma naturalidade: um corpo construído sob medida para uma sociedade que, em processos paralelos, o mostra e o esconde.

“Escritas de si e do tempo” constitui-se no segundo eixo escolhido pelas organizadoras para orientar o percurso narrativo da obra, demarcando tradições e sensibilidades que norteiam relatos individuais, mas que estão grávidos de quadros histórico-sociais. Márcia Abreu discute o processo de mudança nas representações dos corpos e das mortificações pessoais – em âmbito religioso – que passam a ser percebidas em uma perspectiva sexualizada, utilizando como fonte mestra a obra *Elogio*, homenagem às virtudes da baronesa D. Anna Xavier, feita pelo pregador Teodoro de Almeida e apresentada à censura em 1758 e 1799. Em um outro período histórico, no início do século XX, Mônica Pimenta Velloso busca analisar – a partir dos escritos de Isadora Duncan e dos textos que com eles se entrecruzam, como aqueles de João do Rio – as novas componentes de corporalidade, gestualidade e nudez que são estruturadas enquanto metáfora das transformações em uma estética do moderno e representações de uma percepção do corpo brasileiro. Vera Lins também nos conduz a essa atmosfera de finais do século XIX e início do século XX, momento de avanço do projeto de modernização no Brasil, analisando cartas do crítico de arte Gonzaga Duque. Nas ideias do crítico, a autora percebe o cruzamento entre a concepção do corpo como “uma coisa entre coisas” e aquela da cidade como obra de arte.

Um terceiro eixo nos leva a dimensão da memória e ao corpo enquanto espaço da lembrança, pois em “É com o corpo que também nos lembramos” reflete-se sobre as marcas de historicidade, de experiências subjetivas e de sensibilidades que permanecem de maneira indelével nos corpos. Viviane Matesco destaca o caráter profanador que se apresenta na arte contemporânea, com relação a uma antiga estética do corpo idealizado; a nova representação é plenificada por fluídos e odores, em um processo de ênfase na sexualidade: o corpo torna-se um instrumento do homem. Em uma análise que considera os corpos negros, Maria Antonieta Antonacci apresenta uma imagem do corpo enquanto receptáculo e lugar marcado pelos processos de opressão e estigmatização que as populações africanas tem sofrido no Brasil, desde os primeiros contatos com os europeus, necessitando se reinventar. Na mesma perspectiva do corpo como lugar da lembrança, Joëlle Rouchou discute os sentidos corporais como alimentadores de representações e memórias presentes na comunidade de hebreus, residentes na cidade do Rio de Janeiro, os quais foram expulsos do Egito, em meados do século XX: o recordar encontra lugar nas sensações físicas expressas no corpo. O último capítulo deste eixo, de autoria de Paola Berenstein Jacques, mostra uma dinâmica de interpenetração e “inter-inscrição” entre os corpos e a cidade, pois a cidade sofre o influxo da população, mas a experiência urbana também permanece enquanto marca mnemônica gravada nos corpos, produzindo *corpografias* (ou cartografias corporais).

Em uma perspectiva metafórica e simbólica, o quarto eixo “Corpo

alegórico” traz à luz a discussão sobre as elaborações imagéticas de representações sobre o corpo, em uma apropriação do universo artístico, transitando por diferentes momentos históricos. O primeiro capítulo, de Cláudia de Oliveira, investiga as múltiplas leituras presentes na obra “A Carioca”, de Pedro Américo, pintada na segunda metade do século XIX, a qual dá a ler tanto as concepções conflituais com relação à expressão da nudez artística feminina quanto os combates em prol da construção de uma imagem racial do Brasil, dentro do projeto imperial de nação. Maria Luisa Luz Tavora analisa – considerando a máxima de Merleau-Ponty, de que a concretude é o que eu vivo – o mundo que é elaborado a partir da experiência corpórea, utilizando para essa discussão a obra de Fayga Ostrower (1920-2001): os significados e os sentidos estão instalados no corpo operante. Mapeando um conflito estético que se estrutura no ponto de encontro entre o progresso científico e o imaginário da sociedade do século XIX, Marize Malta narra o nascimento do “Ecletismo”, marcado pela figura de Frankenstein: esquarterado, tecnológico, fragmentário, anômalo. O século XX vai registrar a revanche do novo e a ascensão de uma nova compreensão do belo, em uma aproximação com uma determinada noção de moderno.

O último eixo abordado na obra, “Corpos no cinema”, entabula um debate acerca das diferentes apropriações do corpo nas representações fílmicas, em um momento no qual se observa insistentes sugestões – por parte da mídia – de dinâmicas que se interconectam com as percepções dos corpos. Ivana Bentes constrói sua narrativa – que se movimenta entre o capitalismo fordista e aquele cognitivo, entre o corpo disciplinado e aquele controlado – em uma busca da compreensão das dinâmicas de um biopoder que espera atingir e circundar a vida em sua totalidade: a aparência constitui-se na subjetividade, que se coloca em um espaço de entrecruzamento de diferentes discursos, assaltando-os e sendo por eles assaltada. Em um ponto de encontro entre imagens médicas e imaginário cultural, Ieda Tucherman analisa o processo de hibridação dos corpos e do humano que eles representam, mergulhando em um processo de atualização da Antropologia Física, segundo o qual análises de DNA – fruto de dinâmicas reificadoras – resolvem os enigmas nascidos em uma atualidade hiperbiologizada. No último capítulo da obra, entendendo as representações cinematográficas como expressão de uma sensibilidade nacional e de dispositivos psicológicos partilhados, Alcides Freire Ramos oferece sua leitura de “Lição de amor” (1976) em um diálogo com o momento histórico brasileiro, a ditadura militar e a ação dos órgãos de censura e controle, em uma análise intertemporal de uma família paulistana burguesa dos anos 20.

Em seu conjunto – levando em consideração os recortes que estruturam a discussão – a coletânea nos permite percorrer novas direções e novas veredas, no sentido de uma leitura sensível do corpo enquanto objeto analítico das ciências humanas. A possibilidade de um olhar plural, tanto no âmbito de um entrecruzamento de saberes quanto naquele de associações teórico-temático-temporais, contribui para a produção de uma leitura das relações de sensibilidade e subjetividade que envolvem as dinâmicas sócio-culturais do corpo, lido na sua complexidade imagética.